

## O desenho diplomata: entre-mundos com o povo Kariri-Xocó

### The diplomat drawing: between worlds with the Kariri-Xocó people

### El dibujo diplomático: entre mundos con el pueblo Kariri-Xocó

Victor Hugo da Silva Iwakami<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo partilha sobre o desenho-escrita como força do encontro com outros regimes imagéticos em parceria com a etnia Kariri-Xocó (AL). Por meio do duplo-deslocamento e experimentação do entre-lugar, faz-se uma pesquisa que trilha as diversas possibilidades do desenho como diplomata do encontro. A retomada, seus grafismos e relações com não-humanos e outras humanidades são oferecidos como provocação a uma pesquisa que retome gestos criativos do narrar e fabular. Impregnado de um corpo-aberto às diferenças, a pesquisa em educação toma possibilidades de igualdade entre as inteligências. Desse modo, propomos a abertura e continuidade de processos generativos, sem encerramentos, somente clareiras de uma pesquisa experimentação que traça caminhos, trilhas e reflexões ao mundo florestal das diferenças e dissensos.

**Palavras-chave:** Pesquisa-experimentação; Desenho; Saberes indígenas.

**Abstract:** The present article shares insights about drawing-writing as a force in encounters with other imagistic regimes in partnership with the Kariri-Xocó ethnic group (AL). Through double-displacement and experimentation in the in-between space, research is conducted that explores the various possibilities of drawing as a diplomat of encounters. The revival, its graphics, and relationships with non-humans and other humanities are offered as a provocation for research that revisits creative gestures in storytelling and fabulation. Imbued with a body open to differences, educational research explores possibilities of equality among intelligences. Thus, we propose the opening and continuity of generative processes, without closures, only clearings in an experimental research that charts paths, trails, and reflections into the forested world of differences and dissensions.

**Keywords:** Research-experimentation; Drawing; Indigenous knowledge.

**Resumen:** El presente artículo comparte sobre el dibujo-escritura como fuerza en el encuentro con otros regímenes imagéticos en colaboración con la etnia Kariri-Xocó (AL). A través del doble desplazamiento y la experimentación del entre-lugar, se realiza una investigación que explora las diversas posibilidades del dibujo como diplomático del encuentro. La recuperación, sus grafismos y relaciones con no humanos y otras humanidades se ofrecen como una provocación para una investigación que retome gestos creativos del relato y la fabulación. Impregnada de un cuerpo abierto a las diferencias, la investigación educativa toma posibilidades de igualdad entre las inteligencias. Por lo tanto, proponemos la apertura y continuidad de procesos generativos, sin cierres, solo claros en una investigación experimental que traza caminos, senderos y reflexiones en el mundo forestal de las diferencias y disensiones.

**Palabras clave:** Investigación-experimentación; Dibujo; Saberes indígenas.

### Abertura de traços trilhados

Às margens do rio Opará (São Francisco), na cidade de Porto Real do Colégio em Alagoas, habita a maioria dos representantes povo indígena Kariri-Xocó. Nessa região próxima à fronteira entre Sergipe e Alagoas, essa etnia tem perseverado contra a violência física e

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas.

epistemológica que se iniciou com o primeiro contato com os colonizadores europeus. No âmago da estratégia colonial civilizatória, caracterizada por práticas como branqueamento, catequização, expulsões sistemáticas de terras tradicionais, extinção de aldeamentos e manobras fundiárias, os saberes ancestrais dos Kariri-Xocó foram marginalizados. Mesmo em meio a essa situação de marginalização e invisibilidade étnica, os Kariri-Xocó “elaboraram diferentes estratégias de resistência, por meio de confrontos, de alianças, acomodações, adaptações e simulações” (SILVA, 2015, p. 04).

Atualmente, vários grupos-família Kariri-Xocó partem de Porto Real do Colégio, com o propósito de promover atividades culturais que visam destacar e fortalecer sua cultura material e imaterial. Essa ação, simultaneamente política, educativa e artística, abrange a partilha de narrativas sobre suas lutas, modos de vida e percepções, além da exibição de suas artes feitas com barro, árvores, sementes, bem como suas expressões culturais como os torés (cantos, danças) e os rojões. Desde 1995, o grupo Sabuká Kariri-Xocó<sup>2</sup> (SKX) tem atuado em Campinas, no interior de São Paulo, assim como em outras áreas da capital paulista (NARITA; WUNDER, 2018). Com o passar dos anos, foram construídas diversas parcerias e, em 2013, formou-se na cidade de Campinas (SP) uma rede de apoio aos Kariri-Xocó<sup>3</sup>. Essas conexões duradouras e frutíferas estabelecidas entre instituições, estudantes, artistas, professores e pesquisadores promovem a troca de conhecimentos entre a aldeia e a universidade, a aldeia e a escola, bem como entre indígenas e não indígenas.

O presente artigo propõe-se em emaranhar-se, seguir fluxos e traços de uma pesquisa de mestrado realizada entre 2020 e 2022, desenvolvida com o grupo SKX e em grupo de pesquisa em que se busca a indistinção entre a criação e pesquisa durante processos de experimentação no encontro com as diferenças:

A experimentação do pensamento dá-se no movimento inventivo com as imagens e com as palavras, de modo que as fronteiras entre pesquisa, literatura e artes visuais sejam borradas. Deseja-se manter aberta esta *zona de vizinhança*, na qual o pensamento acadêmico é atravessado por outros modos de expressão e percepção do mundo (WUNDER, 2020, p.28).

Ao longo de três anos, foi desenvolvida uma investigação da escrita e do desenho em intensos processos inventivos imagéticos em conjunto e a partir de conhecimentos ancestrais

<sup>2</sup> Grupo Sabuká Kariri-Xocó: Pawana Crodi Kariri-Xocó, Iaru Kariri-Xocó. Kauan Kariri-Xocó, Marinita Kariri-Xocó, Nary Kariri-Xocó, Valdete (Dé) Kariri-Xocó, Kaony Kariri-Xocó, Dirã Kariri-Xocó.

<sup>3</sup> Rede composta por pessoas que apoiam o trabalho de grupos Kariri-Xocó por meio da elaboração de projetos de financiamento, hospedagem, transporte, agendamento em espaços culturais ou escolas.

do povo indígena Kariri-Xocó. Os diálogos e produções perambularam pela *zona de vizinhança* (DELEUZE; GUATTARI, 1997) entre um pesquisador e os integrantes do grupo SKX. Os seres não-humanos, como fonte de aprendizagem, habitaram toda a dissertação e desdobraram-se em criações desenhadas de um conhecimento compartilhado no *entre*. Desenho, escrita e fotografia criaram traços conceituais a partir de suas diferenças que culminaram em narrativas gestadas em meio a oralidade Kariri-Xocó e traços do pesquisador.

Diante de um percurso marcado pelo encontro – ora físico ora conceitual – o processo de pesquisa germinou para diversas saídas, deixando-se aberto às perguntas das quais necessitam de itinerância. Permaneço na aposta de (re)desenhar conceitos que afloraram junto e a partir de regimes conceituais de povos indígenas e/ou outras humanidades afastadas da dignidade do sensível (RANCIÈRE, 2009), ou seja, um apelo a todos aqueles que não são ouvidos ou são ouvidos como ruídos (RANCIÈRE, 2021). Nesse artigo, o convite é impregnar-se de um corpo-humano a um corpo-gavião e sobrevoar – em um forrageio – rastros de uma pesquisa que deixou aberturas e caminhos possíveis de investigação por uma educação aberta à diferença.

A dissertação é permeada por uma variedade de traços, rabiscos e estilos, uma vez que o pesquisador-artista em retomada revela suas diversas facetas. O desenho é explorado como uma força de pensamento, resultando em microcosmos narrativos em que a fabulação e a ficção coexistem harmoniosamente com o desenho e o texto. Escrevi enquanto desenhava e desenhei enquanto escrevia.

Assim, o desenho e a escrita constituem partes integrantes do conjunto de reações desse organismo documental. Sugiro acompanhar cada reação como uma improvável dilatação espaço-tempo, de forma análoga à percepção da luz e do dióxido de carbono que fornecem fontes energéticas às plantas e outros organismos fotossintéticos. Cada elemento, assim como cada interação entre o desenho e a escrita, torna-se uma experiência singular, carregada de significado e reflexão. Diante disso, convido a explorar este artigo como uma trilhada emergida de uma clareia de um itinerário de pesquisa que demanda a visita em suas páginas desenhadas. De modo que propomos a abertura e continuidade de processos generativos, sem encerramentos, somente clareiras de uma pesquisa experimentação que traça caminhos, trilhas e reflexões ao mundo florestal das diferenças e dissensos.

## Impulsionado pelo vento ou voando com o vento?

A dissertação foi construída a partir de um deslocamento gerado por meio do encontro com os regimes conceituais com os povos originários, principalmente os Kariri-Xocó. O encontro foi catalisado pelos grafismos instaurados por jenipapo e carvão na pele de cada integrante do grupo SKX, um convite ao trânsito pele-papel que só pude desenvolver após os aconselhamentos durante o processo de qualificação e defesa.

**Imagem 1:** Traços em encontros



Fonte: IWAKAMI, 2022, p. 7

Ora, pensar a partir do encontro com povos de diferentes origens e cosmologias, no desafio ético de não hierarquizar lógicas, oferece novos desafios e possibilidades de relações entre conhecimento e vida, conhecimento e linguagens, conhecimento e criação. Parto do princípio da igualdade como premissa, conforme explorado por Rancière (2009). O autor encoraja-nos a abandonar a lógica dualista e hierárquica, reconhecendo que todos os seres humanos são iguais em competência, inteligência e capacidade de aprender e ensinar. Assim, todos somos intelectuais, ou seja, não há a palavra ou traços dos intelectuais e a palavra e traços do povo (RANCIÈRE, 2021, p. 8).

Para Rancière, a sociedade distribui as condições e formas pelas quais algo é digno de percepção, o que é chamado de *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2009). Essa partilha inclui o que é visível e invisível, audível e inaudível, inteligível e ininteligível. As relações de poder são estabelecidas e hierarquizadas por meio de consensos que policiam qualquer outra interpretação

divergente do comum. O dissenso é encarado como um desentendimento e não como resultado de diferenças de perspectivas que produzem mundos diversos. Partindo da perspectiva de que a *partilha do sensível* não é natural nem imutável, busco por caminhos, de pesquisa e docência, que mobilizem novas partilhas.

Os pensamentos de Rancière me levaram a repensar o próprio processo de pesquisa, afastando-me da abordagem que trata as palavras dos Kariri-Xocó ou de outras lógicas marginalizadas como meramente "material bruto" (RANCIÈRE, 2021, p. 9) que será tomada pelo pesquisador, que dá significado para esse material por meio de explicações destinadas à comunidade acadêmica. Busquemos a aplicação do que ele denomina como "duplo deslocamento" (RANCIÈRE, 2021, p. 8) que, na dissertação, materializou-se por meio da criação de desenhos e escritas, resultando em um processo fabulatório que permite a indistinção de vozes: a terceira margem do encontro.

A terceira margem do encontro é o processo de jornada imagética da pesquisa. Diversos questionamentos referentes ao desenho como força e ato de pensamento na pesquisa em educação foram lançados. A partilha entre saberes Kariri-Xocó e referenciais conceituais acadêmicos, ressoaram em uma pesquisa que se entrelaça à educação. Fauna e flora mobilizam as narrativas e de conhecimentos e regimes conceituais vivenciados ao longo de gerações. A partir desta perspectiva, evoca-se um emaranhado de experiências e conhecimentos que buscam reconhecer os afetos possíveis de regimes conceituais em um encontro: “Ora, não há mudança em um encontro sem divergências em ebulição. Essas experiências, geradas pelo encontro não se sobrepõem. São solidárias e distintas” (IWAKAMI, 2022, p. 149).

Os regimes conceituais de diversos povos originários partem da premissa de que todas as coisas do mundo são intrinsecamente interligadas, toda vida na terra é emaranhada em relações dinâmicas e mutáveis. Este pensamento anímico de diversos povos indígenas tem sido comumente atribuído como “um sistema de crenças que atribui vida ou espírito a coisas que são de fato inertes” (INGOLD, 2013, p. 11). Entretanto, Tim Ingold nos alerta que essa perspectiva se refere a uma condição de ser no mundo, ao invés de crer sobre o mundo. Em outras palavras, o pensamento anímico é um modo de habitar e se relacionar com o mundo e enfatiza a interdependência das coisas e seres, da vida em suas múltiplas dimensões.

Continuamente, o povo Kariri-Xocó apresenta tais maneiras de (r)existir e perceber: os seres humanos não são os únicos seres que possuem perspectiva, consciência, cognição e subjetividade. Na cosmovisão deste povo, há quatro elementos que atuam sobre os processos cotidianos e relações entre o mundo: fogo, terra, água e ar. Pensar como estes elementos

potencializa os encontros com as diferenças no mundo, aciona outras formas de *estar* nele. Elementos são a força pulsante da natureza materializada no fogo, terra, ar e água. Todos interagem entre si. Entretanto cada um reverbera com mais intensidade na cosmovisão Kariri-Xocó, sendo possível aprender na violência e desvelo do vento, na fluidez e amorfia da água, na resiliência e generosidade da terra, na renovação e ambiguidade do fogo. Quais atravessamentos e conceitos do encontro com traços e desenhos junto com os Kariri-Xocó abrem perguntas?

### **Braço-jiboia e retomada: metodologias em constância**

Desde 2018, em meu primeiro encontro com o grupo SKX, corpos povoados de grafismo em jenipapo e carvão instauraram *devires* (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Cada traço potencializou a busca por outras maneiras de mundo, dando vazão às jiboias e onças. A pesquisa se preencheu de desenhos para poder encontrar com as formas de pensar e expressar dos Kariri-Xocó. O grafismo chamou o desenho, que chamou a escrita narrativa e os devires-animais e vegetais. A escrita movimentou-se pelos padrões e rastros de seres não-humanos, seguiu sobre as peles do encontro com um mundo repleto de modos de ver. Um grafismo Kariri-Xocó não é definido pela capacidade de traçar as linhas, mas sim passar a vê-las no movimento dos fluxos vitais dos seres humanos e não humanos. O ato de instaurar os grafismos na pele se dá mais sobre a experiência da pintura em si, e não somente sobre a pintura concluída. Os traços e padrões dos grafismos não clamam por significado, clamam por sensação. O grafismo da jiboia foi traçado em meu braço, desde então o corpo-humano tem se deslocado, metamorfoseado e margeado um corpo-jiboia.

**Imagem 2:** Braço-jiboia



Fonte: IWAKAMI, 2022, p. 36

Afinal, qual é a possibilidade de pesquisa quando me impregno do braço-jiboia? Da mesma maneira que uma jiboia (*Boa constrictor*) embrenhada no folhicho, suja e serpenteando sobre a lama, sigo acariciando o ar. Pela língua bifurcada, capta-se tudo que se disponibiliza a ela, múltiplas entradas e múltiplas saídas possíveis tomam espaço em um forrageio vivido através e no próprio procedimento de busca e pesquisa. A coloração se evidencia em padrões cintilantes de preto, pulsa de traço em traço, metamorfoseando-se em um grafismo de jenipapo. Grafismo que rasteja aos braços deste que escreve e traça. A jiboia, ou melhor, o grafismo-jiboia dos Kariri-Xocó, realizou uma constrição em métodos e modos de realizar a pesquisa. Embrenhei-me em meu próprio procedimento de pesquisa desenhada, aberto às multiplicidades do encontro e aos fluxos disponíveis.

Outra proposta metodológica oferecida pelo encontro com o povo Kariri-Xocó é a *retomada*. Essa faz parte de um conjunto de práticas de compartilhamento e revitalização dos modos de ser desse povo. A *retomada* desempenha o papel fundamental de voltar a ocupar os territórios perdidos durante o processo de colonização (DA SILVA, 2003). Aos Kariri-Xocó, a retomada consiste em voltar a ocupar e reconquistar os territórios ancestrais. É um processo contínuo que não finda no instante em que voltam a ocupar o território, ele nunca se encerra. Não basta ocupar, é necessário trabalhá-lo. Os Kariri-Xocó constroem moradias, acendem fogueiras, iniciam roças, praticam toré e narram histórias nesses territórios. Retomar não se resume ao território geográfico, é a (re)ocupação de territórios existenciais, é a retomada de saberes saqueados e marginalizados – ou silenciados e invisibilizados na perspectiva da partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009) -, um processo de reencontro entre tempos, ancestralidades que se atualizam. A *retomada* foi oferecida como palavra disparadora para pensar a pesquisa. Provocou em pensar e vivenciar a pesquisa como retomada de gestos criativos, linguagens, conceitos e performances de um corpo-pesquisador aberto às forças ancestrais e não-humanas. Um intenso processo de reanimar, redesenhar, reescrever, reencontrar e *re-conceitualizar* a pesquisa. Isto é, um método que não se propõe apenas em *voltar a ocupar território saqueados*, mas também retomar constantemente a existência e afetos que potencializam a pesquisa; ou até mesmo, recuperar a capacidade de encantar-se ou assombrar-se por ela.

Acompanhados do braço-jiboia, sentados em volta da fogueira, sala de aula, jardim ou terreiro, partilhamos narrativas. O gesto narrativo é a *retomada* de uma educação outra, impulsionada pela educação Kariri-Xocó. O encontro com a diferença é explorado em criações de microcosmos narrativos, a pulsão ficcional vaza em desenhos, escrita e fotografia. Tim

Ingold flui por diversos regimes conceituais para repensar as práticas de pesquisa e a compreensão sobre os materiais e seus fluxos num contínuo vital (INGOLD, 2015). Seus pensamentos nos auxiliam na busca por uma educação aberta à diferença. As narrativas evocadas durante o mestrado são aquelas em que “as ocorrências passadas são atraídas para a experiência presente” (INGOLD, 2015, p. 237). São partilhas de narrativas e conhecimentos, as formas de ser e viver de um povo, revisitadas, fabuladas e reafirmadas na diferença.

**Imagem 3:** Traços pegadas de um toré



Fonte: IWAKAMI, 2022, p. 31

Pensemos sobre peregrinação e transporte (INGOLD, 2015) para lançar um olhar sobre as narrativas, desenhos e escritas. A peregrinação é um movimento sem destino definido, onde o próprio processo de movimentar-se é o que lhe constitui; enquanto o transporte é um movimento com um ponto de partida e um ponto de chegada definidos. A pesquisa na qual nos entrelaçamos não é exatamente – ou somente – o narrar, mas também a sensação que se dá na experimentação do traço desenhado.

Quando desenhamos e escrevemos, estamos realizando uma peregrinação do gesto de desenhar-escrever, no qual o traço inicial é um contínuo do passado que está sendo performado no presente. Em outras palavras, em cada traço escrito-desenhado há uma narrativa. Quando lançados à possibilidade da experimentação e criação, lidamos no mundo narrativo nebuloso e sem logradouro *entre*, apostando no encontro como potência de mundos diversos.



## Traços itinerantes: abertura à possíveis rabiscos

Sob a devida licença, peregrinação pelo desejo da igualdade e o encontro como força geradora da diferença, o desenho e escrita puderam fabricar dissensos, mobilizaram novas partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2009), mas patinaram em um compromisso com a representação. Intencional? Não. Entretanto inevitável ao processo de estilos emergentes de desenhos que se propõem em premiar a abertura ao traço pelo conjunto de gestos: “Sugiro o desenho itinerante, improvisado e que se constitua pelo entrelaçamento dos traços sem preocupação com a totalidade que venha a ter durante seu desenvolvimento. O desenho inesgotável, mas suficiente” (IWAKAMI, 2022 p. 117).

Em uma *pesquisa-experimentação* (WUNDER; MARQUES; AMORIM, 2016), marcada pela história em quadrinhos como dispositivo de criação entre escrita e desenho, fui impulsionado pelo trabalho acadêmico, e outros modos de relacionar com a imagem, a seguir diferentes relações estéticas que busquem a fuga da representação. Apesar disso, elas ocupam os contrastes narrativos. A dissertação passou por dois processos de arguição, um ocorrido junto a banca examinadora e outro por meio de trocas de mensagens com o grupo SKX. Estes encontraram potência nas narrativas que julguei mais representativas e que deveriam ser redesenhadas, aqueles me apontaram a representação limitando a potência imagética da *Pesquisa-HQ*. Ora, eis uma pergunta: Como a representação imagética, mediada pelo desenho, fotografia ou audiovisual, atua nos regimes imagéticos de povos originários?

## O desenho na possibilidade do encontro

O encontro, enquanto força geradora da diferença, deixa rastros que permitem a contínua movimentação de conceitos e formas de ver. Considero os modos de educação como mutáveis e inconstantes, capazes de promover dissensos. É um modo de peregrinar, de fazer política, de resistir. Em uma entrevista, Rancière descreve seu movimento de pesquisa e escrita de maneira que foi levado a compreender que a igualdade não se dá na crença pela igualdade, mas sim por processos que nela se encontram, ou seja, “a ideia, portanto, é que igualdade e desigualdade são coisas que se tecem cotidianamente através da maneira mesma como articulamos palavras, argumentos, imagens e narrativas” (RANCIÈRE, 2021, p. 8).

O encontro entre diferentes regimes conceituais na pesquisa evoca uma educação diversa, imaginativa, fabulatória, criativa e igualitária, desde que leve em consideração a

igualdade entre as diferenças (RANCIÈRE, 2009). Ficcionamos um universo de possibilidades narrativas, desde as mais banais até as mais complexas dentro da cosmovisão Kariri-Xocó. O que não imaginei foi a sugestão de dar traços à uma narrativa já contada e cantada por eles: entoar traços de um toré. O toré é a prática do canto e dança em que histórias são narradas, é a oralidade Kariri-Xocó:

Entre os diferentes povos indígenas o ensinamento vem da oralidade, uma forma específica de ensinar. São ensinamentos que se fazem a partir das suas existências e experiências com o mundo. O conhecimento ancestral faz parte de nós, não está escrito apenas na folha de papel. É um conhecimento que está vivo no nosso corpo, nas pedras, nos rios, igarapés, no verão ou no inverno; é o movimento da linguagem do mundo (WUNDER et al., 2022, p. 6).

O povo Guarani evoca a palavra ñe'e raity, *garganta*, com o sentido de *ninho das palavras-alma*, junto com eles, Alik Wunder compartilha o aprendizado que essa palavra imprime: “o que aprendo com os indígenas é que a palavra falada cria mundos, age e transforma.” (WUNDER, 2022, p. 53). Isto é, a oralidade instaura metamorfoses de mundos e se constitui na dinâmica do “dizer e ouvir”, inclusive por meio do toré. Apesar disso, as experiências de criação imagética têm dado vazão e textura a outras possibilidades de se compartilhar narrativas que já habitam *ninhos das palavras-alma*. Que outras histórias o desenho, como potência do encontro, pode dar vazão?

Parece-me que o desenho/traço – aqui compreendido como aquele itinerante e inesgotável – tem atuado como um peregrino entre-mundos. Por meio do grafismo atua como um diplomata entre o bidimensional do papel, ou “peles imagens” nas palavras de Kopenawa Yanomami (KOPENAWA; ALBERT, 2015) e o corpo-coisa tridimensional, tal como xamãs yanomamis negociam e debatem a existências de mundos diversos no entre-lugar. Ou seja, as noções de imagem e oralidade tem se embaralhado, vivenciado uma zona de terceira margem do encontro.

Atualmente cerca de 300 indígenas, pertencentes a mais de 45 povos originários, retomam a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O Vestibular Indígena é uma política de acesso importante aos indígenas que desejam cursar o ensino superior, porém abre portas para desafios violentos aos estudantes que chegam na universidade, majoritariamente “branca” e eurocêntrica. Nesse contexto, os diferentes regimes conceituais e maneiras de habitar e existir nos mundos entram em guerra. Ailton Krenak, em uma entrevista do documentário “Guerras do Brasil. Doc” (2019), no episódio “As guerras da conquista” minuto 16, e munido da flecha-palavra que nunca erra, nos aponta que “nós estamos em guerra. O seu mundo e o

meu mundo estão em guerra.”. Essa guerra é desigual dentro da universidade, pois é um obelisco de poder do conhecimento pautada nos modos de viver europeus. Que linhas de fuga - ou trilhas e rios de fuga – tem existido nesses espaços?

Desde 2019 um espaço-tempo, uma vazão, um conjunto de gestos de corpos-abertos tem garantido momentos de acalanto e incentivo a criação coletiva, imaginativa, diversa e igualitária aos modos de se educar. O “LivrosVivos: saberes indígenas, saberes vegetais”, organizado pela Professora Doutora Alik Wunder e desenvolvido junto aos estudantes indígenas de diversos cursos e etnias, celebra a diferença por meio de corpos abertos à escuta e gestos:

O projeto LivrosVivos busca criar, desde essa experiência universitária, uma possibilidade de encontro de saberes, de experiências de vida, de potências criativas alimentadas pelas poéticas ancestrais, experimentações teóricas e artísticas. É também um espaço-tempo de apoio mútuo em meio à saudade, a distância do rio, da família, da mata, da roça, da língua (WUNDER et al., 2022, p. 3).

A experimentação da oralidade e poéticas ancestrais encontram vazão na criação de fotografias, escritas, desenhos e performances, maneiras outras de se partilhar o conhecimento em uma instituição marcada pelo texto como fonte de conhecimento. Relações entre outros modos de educar, conhecer e ver são emaranhadas no processo. Desenvolver uma pesquisa em que o desenho e a escrita compartilham uma *zona de vizinhança* (DELEUZE; GUATTARI, 1997) junto aos Kariri-Xocó me chamou atenção nos movimentos e fluxos desse livro vivo em metamorfose: a relação com as imagens, principalmente o desenho.

No entrelaçamento de narrativas e histórias, os autores e autoras nos compartilham um interessante movimento de encontro e reflexão. Diante de uma violência epistêmica marcada pela língua portuguesa e seu processo de escrita, o desenho emerge como possibilidade, como peregrino entre-mundos. Nesse encontro entre diferentes regimes conceituais imagéticos (ocidental, Baniwa, Guarani, Tukano e Waurá) o desenho é uma potência à diferença, potência do escutar, observar e dizer na diferença; o desenho tem atuado como um ato de pensamento nas construções narrativas de diversos povos tradicionais.

**Imagem 4:** Chicória, desenho de Helthon Rodrigues Baré

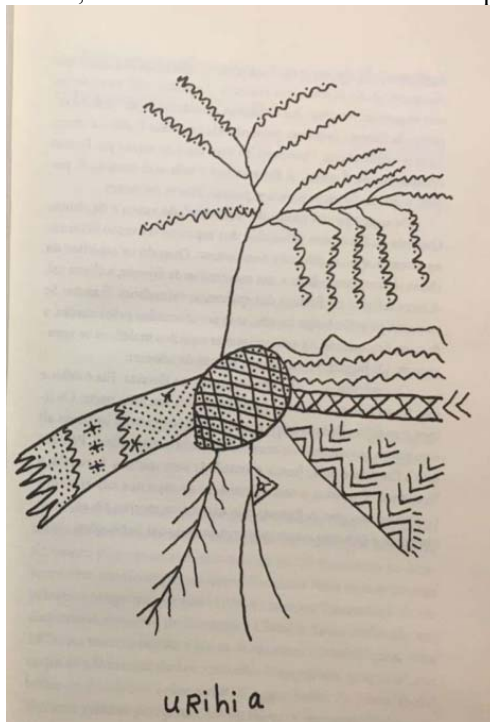
Fonte: WUNDER et al., 2022, p. 9

As noções de imagem, oralidade e escrita se embaralham e deslocam as fronteiras entre elas. No livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (KOPENAWA; ALBERT, 2015), diversos desenhos habitam as páginas. Como uma baleia jubarte emerge do profundo oceano para esguichar água a longas distâncias do céu em um movimento de inspiração e expiração, fugindo do sufocamento. Esses desenhos/traços yanomami permanecem mergulhadas no mar de palavras escritas, performam suspiros profundos ao submergirem entre letras impressas. Representação e não-representação são usadas como ferramenta de peregrinação e diplomacia entre esses mundos imagéticos distintos, anunciam algo sobre a potência do embaralhamento de fronteiras, clamam por outros modos de se compartilhamento, dão som ao ruído, visibilidade ao invisível.

Eis uma proposta interessante que nunca propus aos estudantes que leciono ciências e biologia na rede estadual de ensino: É possível desenhar a natureza? Vamos desenhar a natureza, se for mais fácil desene a floresta. Que criações apareceriam? Em 2023, Kopenawa Yanomami, xamã yanomami, e Bruce Albert, antropólogo francês, nos ofereceram o livro *O espírito da floresta* (KOPENAWA; ALBERT, 2023) como mais uma entrada à cosmovisão Yanomami, conjuntamente com os habitantes da casa coletiva yanomami de *Watoriki*. Reuniram diálogos e reflexões que evocam as imagens e sons da floresta. *Urihi a* é a terra-floresta, seria como nossa compressão de natureza, mas com a compreensão da dinâmica de fluxos e interdependência dos seres que dela e nela habitam. *Urihi a* reflexiona imagens, essa imagem é vista pelos xamãs yanomami e é chamada de *Urihinari a*. As árvores existem graças

a existência da imagem de *Urihinari a* como espírito da floresta. Além disso, a terra-floresta instaura um sopro vital, *wixia*, que dá vida e longevidade à floresta e suas imagens-espírito. Atacar e desmatar a floresta é esvaziar o mundo de imagens possíveis. Sendo diplomata entre-mundos, os xamãs yanomami enxergam o invisível, incluindo a diversidade de espíritos que habitam a floresta. *Urihi a* é desenhável?

**Imagem 5:** Urihi a, a terra-floresta. Desenho de Davi Kopenawa, 1993



Fonte: KOPENAWA; ALBERT, 2023, p. 32

*Antes o mundo não existia* é um livro em que Umusi Pārōkumu e Tōrāmā Kēhíri compartilham a origem do povo indígena Dessana (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 2019). Uma narrativa de pura metamorfose e criação dos seres. *Yebá Buhró*, a Avó do mundo, inaugura o desenho. Na possibilidade do desenho como gestos de mundos, *Yeba Buhró* desenha criaturas. Por meio da fina e branca fumaça de seu cigarro, Umtikosurāpanami, criador da luz, das camadas do universo e da humanidade, toma traços, toma vida e é desenhado. Em um emaranhado de traços *Yebá Burhó* desenha com a fumaça e é desenhada com a tinta.

O desenho no campo acadêmico é considerado como uma "novidade velha" por Aina Azevedo (2016). Compreendo que seja no sentido de antiquado, mas para quem é antiquado? Traços, desenhos e imagens são regimes conceituais mutáveis, elásticos e presentes na grande parte das produções indígenas. O fato é que tem sido um dispositivo importante do encontro,

uma tecedura de mundo igualitário ou ao menos um peregrino entre-mundos que se dispõe em estar aberto às diferenças.

**Imagem 6:** Fotomontagem com a produção imagética do grupo Sabuká Kariri-Xocó e coletivo Fabulografias<sup>4</sup> (página 59) e desenho de autoria própria.



Fonte: IWAKAMI, 2022

Pela escuta atenta dos Kariri-Xocó, pelas vivências com a força de vida desse povo, a criação de escritas e desenho se fez *retomada* do encantamento no mundo. O processo de articular de outras maneiras as “palavras, argumentos, imagens e narrativas”, descritos na dissertação, foi uma peregrinação intencionada pelo desejo de igualdade. Ao experimentar a aproximação com o mundo Kariri-Xocó, um devir-cientista-artista-professor se instaurou. A partilha desta experiência de *pesquisa-experimentação* em movimento, lança possibilidades para pensar uma educação aberta às multiplicidades e a outras concepções de vida, a educação toma possibilidades de modos de ver interdependente entre seres humanos e não-humanos, igualitário entre diversas inteligências, humanizado diante das outras humanidades.

Há um entre-lugar da escrita e da imagem que pode dar olho à pele. A pesquisa-HQ, elaborada na dissertação e nomeada pela banca, é um meio que ebuliu da tentativa de lidar com as multiplicidades e travessias outras para que os quadros sejam implodidos pelos afetos e temporalidades. Promover o desenho como parte de um regime conceitual, não só na fase pueril, mas em toda vida imagética possível, é a imagem ressoando por uma educação imaginativa,

<sup>4</sup> Ver: GRUPO SABUKÁ KARIRI-XOCÓ; COLETIVO FABULOGRAFIAS. O mundo das plantas KaririXocó: ensaio poético e visual. Climacom – “Coexistências e cocriações”. Campinas. Ano 08, n. 20, p. 01-60, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/o-mundo-das-plantas-kariri-xoco/>

fabulatória e ficcional. Pois, o desenho inventa condições de igualdade entre as diferenças, são pegadas/rastros no "entre", capazes de lidar com as evidências do passado, a potência do presente e a inexistência do futuro num pulsante movimento e transmissão de conhecimentos. Em cada proposta de narrativa, sonhos tomaram emergência de traço no papel e voltaram a habitar as possibilidades de encontro e aprendizado com as coisas não-humanas e outras humanidades. Retomar o desenho é sonhar de olhos abertos, lidar com as subjetividades possíveis, é escutar e observar com e a partir da diferença, uma fissura na parede de uma cela solitária que, aos poucos, se tensiona e se transmuta em uma árvore, permitindo que o solitário ou exilado fuja ao mundo florestal das diferenças e dissensos.

### Referências

- AZEVEDO, A. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 15-32, 2016.
- DA SILVA, C. B. M. **Vai-te pra onde não canta o galo, nem boi urra ...** diagnóstico, tratamento e cura entre os Kariri-Xocó (AL). 2003.109f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Ed 34, 1997.
- GUERRAS do Brasil: episódio 1: guerras de conquista. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes, TV Brasil. 2019, 1 vídeo (28 min). Disponível em: [https://youtu.be/1C7eQBl6\\_pk](https://youtu.be/1C7eQBl6_pk). Acesso em: 30 de jul. 2023.
- INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.
- INGOLD, T. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, 2013. DOI: 10.22456/1982-6524.43552. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/43552>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- IWAKAMI, V. H. S. **Bocuyá mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó**. 2022. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/7508>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. B. Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **O espírito da floresta**. Trad. R. F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- NARITA, K. M.; WUNDER, A. Arte, política e ritual do povo Kariri-Xocó: fotografias e narrativas de encontros com escolas. **Rebento**, São Paulo, n. 9, p. 232-253. 2018.

PÃRÕKUMU, U.; KEHÍRI, T. **Antes o mundo não existia**: mitologia Hehíripõrã Dessana. Rio de Janeiro: Dantes, 2019. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/P00184.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad.: M. Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, J. Tomada da palavra e conquista do tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière. Entrevistadores: Jonas Tabacof Waks *et al.* **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e202147002003, p.1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hJpjH5QqsDN4RFdPbPgZXP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jul. 2023. Acesso em: 1 dez. 2023.

SILVA, E. Os índios e a civilização ou a civilização dos índios? Discutindo conceitos, concepções e lugares na história. **Boletim do Tempo Presente**, n. 10, p. 1-12, jan. 2015. Acesso em: 1 dez. 2023.

WUNDER, A. *et al.* Livros-vivos: palavras, imagens, plantas e gentes em criação. **ClimaCom – Políticas Vegetais**, Campinas, a. 9, n. 23, p. 1-16, 2022. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-vivos/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

WUNDER, A. O mundo das plantas Kariri-Xocó: criações poéticas e fotográficas com o grupo Sabuká. REMEA - **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 28-42, 2020. DOI: 10.14295/remea.v0i0.11405. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11405>. Acesso em: 1 dez. 2023.

WUNDER, A. Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas: sopros indígenas em uma universidade. In: MUNDURUKU, D. *et al.* (org.). **Jenipapos**: diálogos sobre viver. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2022, p. 52-61.

WUNDER, A.; MARQUES, D.; AMORIM, A. C. R. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 104-127, 2016. DOI: 10.5216/vis.v14i1.43043. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43043>. Acesso em: 1 dez. 2023.

## Sobre o autor

**Victor Hugo da Silva Iwakami**: Formado em Licenciatura em Ciências Biológicas (2018) e Mestre em Educação (2022), ambas pela Universidade Estadual de Campinas. Atuação docente como professor de ciências e biologia na rede estadual de ensino de São Paulo (2019-atualmente). Na pós-graduação desenvolveu pesquisas na linha de Linguagem e Arte em educação, voltada aos estudos audiovisuais com foco no intenso encontro com povos originários, desenho e narrativas.  
*E-mail*: victoriwakami@gmail.com

Recebido em: 30 jul. 2023  
Aprovado em: 27 nov. 2023